

O LUGAR DO HOMEM E DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: ASPECTOS CLÍNICOS

Gabriel Zaia Lescovar e Roberto Girola
www.robertogirola.com.br

BIBLIOGRAFIA I

- ◉ FERENCZI, S. "Do alcance da ejaculação precoce". In: FERENCZI, S. *Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ◉ _____. "O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios". In: FERENCZI, S. *Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ◉ _____. "Um pênis anal oco na mulher". In: FERENCZI, S. *Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ◉ _____. "Fantasias Provocadas". In: FERENCZI, S. *Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ◉ _____. "Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade". In: FERENCZI, S. *Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ◉ _____. "Masculino e Feminino". In: Ferenczi, S. *Psicanálise VI*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ◉ _____. "Confusão de Línguas entre os adultos e a criança". In: FERENCZI, S. *Psicanálise VI*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BIBLIOGRAFIA II

- ◉ FREUD, S. (1931). Sexualidade feminina. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- ◉ _____. (1933). Conferência XXXIII: Feminilidade. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- ◉ _____. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- ◉ _____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 119-230 (cf. p. 143).
- ◉ _____. (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 187-204 (cf. p. 192 e 197).
- ◉ _____. (1923). O Ego e o Id. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 41-51.
- ◉ _____. (1937). Análise terminável e interminável. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 269.
- ◉ MCDUGALL, S. *Em defesa de uma certa anormalidade: teoria e clínica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- ◉ WINNICOTT, D. W. Sobre elementos masculinos e femininos excindidos. In: *Explorações psicanalíticas*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, pp. 133-150.
- ◉ _____. A criatividade e suas origens. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, pp. 95-120.

BIBLIOGRAFIA III

- ◉ ABRAM, J. "O ser e o elemento feminino". In: *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996, pp.243-246.
- ◉ BARTOLI, J. *Espiritualidade na dissociedade supercapitalista*. (PUC-SP, 224-261)
- ◉ BENJAMIN, J. "Womans' desire". In: *The bonds of love*, (ver no CEP)
- ◉ BADINTER, E. (1985). *Um amor conquistado, o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ◉ _____. (1991). Condorcet, Prudhome, Guyomar... palavras de homens (1790-1793). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ◉ _____. (2010). *Le conflit, la femme et la mère*. Paris: Flammarion.
- ◉ BAUDRILLARD, W. *Tela total: mito-ironias do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- ◉ BAUMAN, Z. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ◉ BIRMAN, J. (ORG). *Feminilidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.
- ◉ CATTONÉ, J. P. (1992). *Femmes et hystérie au XIXe siècle*. Synapse, 88, 33-43. Paris.
- ◉ DALARUN, J. (1990). *Olhares de clérigos*. In: *História das mulheres: a Idade Média* (pp. 2963). Porto: Edições Afrontamento.
- ◉ FOUCAULT, M. (1984). *História da sexualidade II – o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- ◉ GIROLA, R. *A psicanálise cura*. Aparecida: Ideias & Letras, _____.
- ◉ _____. *A inveja do útero*. In: <http://www.robertogirola.com.br/index.php/component/k2/89-pais-e-filhos/516-a-inveja-do-utero>.

BIBLIOGRAFIA IV

- ◉ LAQUEUR, T. (1987). *Orgasm, generation and politics of reproductive biology*. In: GALLAGER, C., & LAQUEUR, T. (Orgs.). *The making of the modern body, sexuality and society in the Nineteenth Century* (pp. 1-41). California: University of California Press.
- ◉ LAQUEUR, T. (1989). *Amor veneris vel dulcedo appeletur* In: FEHER, M.,
- ◉ LUEPNITZ, D. "Beyond the Phallus: Lacan and feminism". In: RABATÉ, JEAN-MICHEL. *Cambridge companion to Lacan*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 221-237. (Ver no CEP)
- ◉ NADEFT, R., & TAZZI, N. *Zone 5: fragments for a history of the human body* (Part III, pp. 91-131). New York.
- ◉ NUNES ALEXIM, SILVIA. "[Afinal o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar](#)". In: Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol.23, n.2, p.101 – 115, 2011.
- ◉ MELMAN & LEBRUN. *O homem sem gravidade*, Rio: Comp. de Freud, 2003.
- ◉ OLIVEIRA, EMERSON DE. "S. Tomás de Aquino ensinou que as mulheres são "homens defeituosos"?. In: <http://logosapologetica.com/s-tomas-de-aquino-ensinou-que-as-mulheres-sao-homens-defeituosos/#axzz4ZherlcqH>
- ◉ PERROT, M. (2007). *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto.
- ◉ ROUSSEAU, J.-J. (1762/1992). *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- ◉ SCHIEBINGER, L. (1987). *Skeletons in the closet, the first illustration of the female skeleton in Eighteen Century anatomy*. In: *The making of the modern body* (pp. 42-82). s.d.
- ◉ SCHIEBINGER, L. (1991). *The mind has no sex, women in the origins of modern science*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- ◉ ZALCBERG, M. *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

OBJETIVO DO CURSO

As dimensões relacionais do mundo contemporâneo ampliam e problematizam o lugar do homem e da mulher no atual contexto cultural e social, e trazem novos desafios clínicos para a compreensão dos elementos masculinos e femininos e sua interação nos aspectos identificatórios e projetivos que atuam na constituição do sujeito e nas relações. Nesse sentido o desafio do curso é ampliar a forma como esse tema foi tradicionalmente compreendido na história da psicanálise

ROTEIRO

- i. Complexidade do tema na atualidade
- ii. A visão freudiana
- iii. Masculino e feminino em Ferenczi e Winnicott
- iv. Abordagens contemporâneas
- v. Ambiguidade do feminino no contexto judaico-cristão
- vi. Lacan e o feminismo
- vii. Complexidade psicológica das questões de gênero

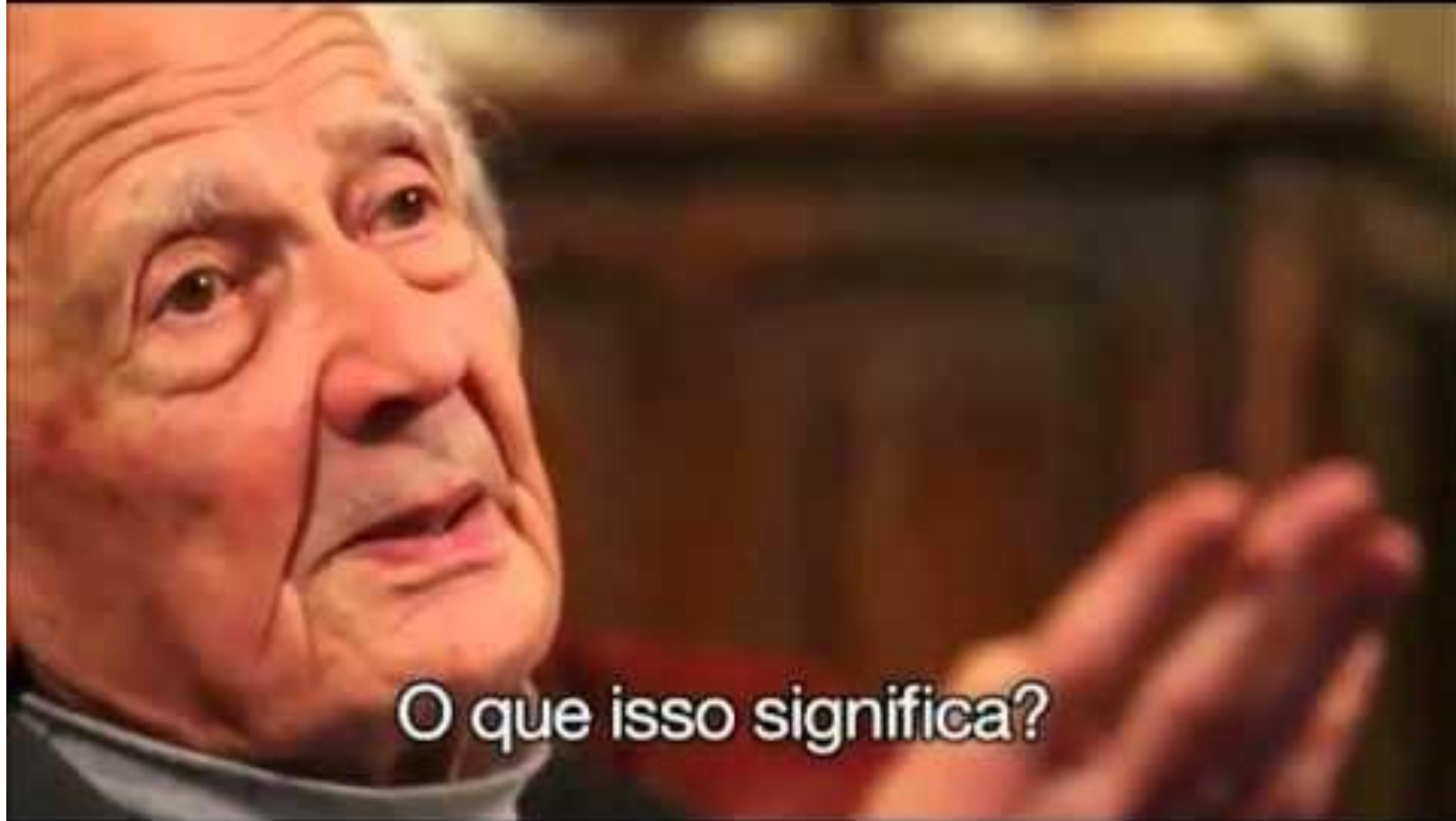
Parte I

COMPLEXIDADE DO TEMA NA ATUALIDADE

EASY

- ◉ Relação entre o desejo sexual do casal e os papéis de gênero tradicionais
- ◉ O estranhamento da adesão espontânea das crianças aos papéis tradicionais (cavalheiro e princesa) e a adesão aos mesmos
- ◉ Fantasia romântica da imutabilidade do desejo sexual e da monogamia para o casal
- ◉ A solução de compromisso da masturbação e do devaneio
- ◉ O recurso à fantasia dos papeis tradicionais
- ◉ As “variações sexuais”: o homem volta a ser do “dono” do desejo e os papeis voltam forçadamente ao “normal”

BAUMAN: O AMOR LÍQUIDO



BAUMAN, O AMOR LÍQUIDO



DO CASAMENTO MONOGÂMICO AO POLIAMOR - REGINA N. LINS

- ◉ “Os modelos tradicionais de amor e sexo não estão dando mais respostas satisfatórias e isso abre um espaço para cada um escolher sua forma de viver.”
- ◉ “O amor é uma construção social; em cada época se apresenta de uma forma. O amor romântico (...) não é construído na relação com a pessoa real, que está ao lado, e sim com a que se inventa de acordo com as próprias necessidades.”
- ◉ “Esse tipo de amor é calcado na idealização do outro e prega a fusão total entre os amantes, com a ideia de que os dois se transformarão num só.”
- ◉ A exclusividade sexual é a grande preocupação de homens e mulheres. Mas ninguém deveria se preocupar se o parceiro transa com outra pessoa. Homens e mulheres só deveriam se preocupar em responder a duas perguntas: Sinto-me amado(a)? Sinto-me desejado(a)? Se a resposta for "sim" para as duas, o que o outro faz quando não está comigo não me diz respeito.”

ASPECTO ONTOLÓGICO E/OU SOCIOCULTURAL?

- ◉ Aspecto ontológico e/ou sociocultural?
 1. As diferenças entre o H e a M são sócio-culturalmente determinadas (leitura feminista) ou elas têm um embasamento biológico, ontologicamente determinado por diferenças de natureza entre o feminino e o masculino (F baseia a formação da sexualidade nas diferenças anatômicas)?
 2. As duas visões são complementares? Como isso se insere na evolução das concepções sobre o homem e a mulher?
 3. Aceitar a visão de uma determinação ontológica condena a mulher a um lugar em que ela se vê limitada pelo seu papel de “geradora” (a função materna determina o feminino)?
- ◉ Na determinação cultural do conceito de feminino, que influência teve a tradição judaico-cristã (que em parte influencia também a visão muçulmana)?
- ◉ Como Lacan equaciona as temáticas do feminismo?
- ◉ Como essa temática se apresenta na clínica?

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

- ◉ Estrutura patriarcal x Matriarcal
- ◉ Na **pré-história** há indícios de organizações sociais nas quais prevalecia o culto a divindades femininas, mas não há dados sobre a organização real dessas sociedades.
- ◉ Houve uma **passagem** do matriarcado ao patriarcado? Como isso aconteceu e quais os fatores socioeconômicos envolvidos?
- ◉ **Evolução dos conhecimentos médicos** sobre o corpo da mulher (descoberta do processo reprodutivo da mulher a partir do século XVII com W. Harvey)
- ◉ Dificuldade na história de se lidar com **aspectos do feminino** tidos como **misteriosos e ameaçadores** (bacantes, bruxas, histéricas).
- ◉ Na **modernidade** o processo de industrialização muda as relações de trabalho (a mulher começa a obter autonomia financeira), processo acentuado pelas 2 Guerras Mundiais
- ◉ Na **contemporaneidade** o **mundo líquido** (Bauman) e o **culto das aparências** (valorização do corpo como instrumento, sexualidade como fetiche), mudam as relações de gênero.
- ◉ Mudanças na relação com o tempo/espço e a noção de conectividade, intimidade/exposição -> afeta ética/valores/faltam novos referenciais -> indivíduo é a grande referência

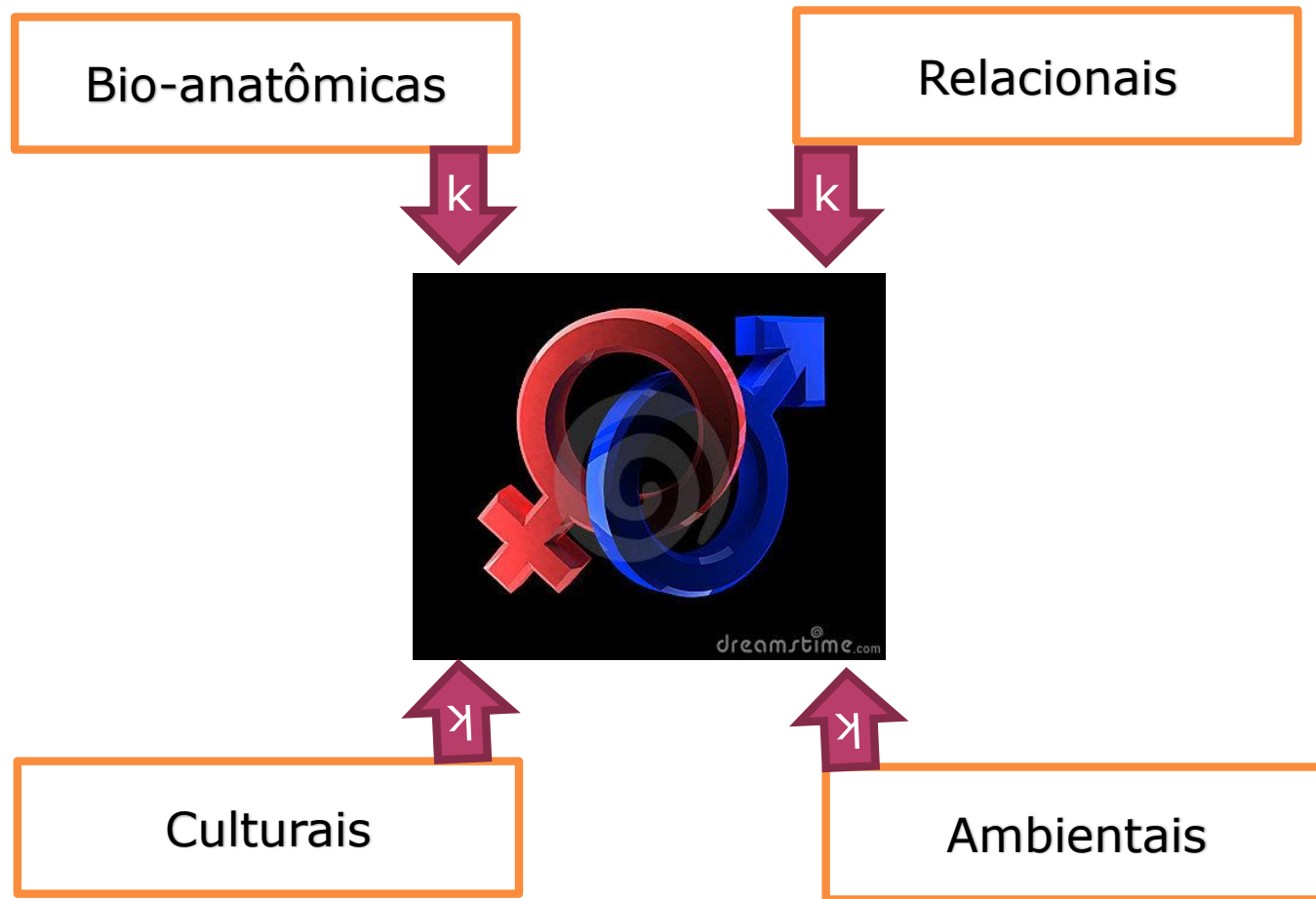
Parte II

A VISÃO FREUDIANA

EVOLUÇÃO DA PERCEPÇÃO DE FREUD

- ◉ Como observa Strachey na nota do editor inglês, no ensaio de 1925, F. **inicialmente** presume que a psicologia das mulheres pode ser considerada **análoga** àquela dos homens.
- ◉ Por um tempo F trabalha com esta hipótese ao analisar a formação do Complexo de Édipo (CDE) e à sua dissolução : “o primeiro **amor da menina é por seu pai**, enquanto os primeiros desejos infantis do menino são pela mãe” (Interpretação dos Sonhos, 1900, p. 284; idem na Conferência XXI, 1916 e Psicologia de grupo, 1921).
- ◉ F contudo acaba admitindo que **a vida sexual das meninas não é igual àquela dos meninos**, permanecendo um continente obscuro (cf. Três ensaios..., 1905; Sobre as teorias sexuais das crianças, 1908; Organização genital infantil, 1921; Análise leiga, 1926).
- ◉ Os **desafios da clínica** (paranoia feminina, 1915 e homossexualismo feminino, 1920) e o **aprofundamento das teorias sobre as formações edípicas** no *O Ego e o Id* e sobre *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), acabam levando à uma nova formulação sobre as peculiaridades da sexualidade feminina, que causa certa polêmica, levando F. a retomá-la no texto *Sexualidade feminina* e na Conferência XXXIII.

FORMAÇÃO SEXUALIDADE FEMININA/MASCULINA



PECULIARIDADE DA SEXUALIDADE FEMININA

- ◉ F. retoma a tese que na menina há uma **mudança de objeto** (mãe x pai) e de zona erógena (clitóris x vagina)
- ◉ Mas admite que certo número de mulheres pode permanecer detido em sua ligações original à mãe (cf. 234) e conclui: “A **fase pré-edipiana nas mulheres obtém uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído**” (234)
- ◉ “Podemos **ampliar** o conteúdo do **CDE** ” para nele incluir “todas as relações da criança com ambos os genitores” (234).
- ◉ “A menina atinge a normal **situação edipiana positiva**, após ter superado um período anterior governado pelo complexo negativo” (aversão ao pai).
- ◉ E conclui: “Abandonamos qualquer expectativa quanto ao paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino”
- ◉ A clínica permite a F observar a **importância da relação primitiva com a mãe** na etiologia da histeria, na paranoia, no homossexualismo.
- ◉ F Menciona as **angústias** envolvendo o medo de ser devorada pela mãe e a hostilidade em relação à mesma.

BISSEXUALIDADE E RELAÇÃO DE OBJETO

- ◉ A “**dependência**” da mulher em relação ao pai “assume a herança de uma ligação igualmente forte com a mãe” (236)
- ◉ “A fase primitiva demora um período de tempo longo” (236)
- ◉ A **bissexualidade** é uma “disposição inata dos seres humanos”, mais evidente na mulher -> 2 zonas sexuais: clitóris [infância->elem. Masculino] e vagina [puberdade -> elem. Feminino].
- ◉ **Relação de objeto**: para o h. a **mãe** é o **objeto amoroso primitivo** até ser substituído “por alguém que se lhe assemelhe” (cf. teoria do Green sobre objeto primário que pode ser esquecido e substituído por outros objetos)
- ◉ Para a mulher o objeto primário é substituído por um novo objeto amoroso: “à mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança do sexo do objeto” (237)

O CDE NO MENINO

O CDE *strictu sensu* só se aplica aos meninos:

- ◉ Combinação de amor pela mãe e ódio pelo pai/rival (embora em outros textos F admita a possibilidade do CDE positivo e negativo se combinarem)
- ◉ Descoberta da **possibilidade de castração** -> dissolução do CDE -> superego [internalização do pai] (inserção na comunidade cultural)
- ◉ O **superego** é desligado da figura de quem originalmente constituiu o representante psíquico
- ◉ F vê um **reminiscência do medo de castração** no eventual desprezo para com a mulher, que pode chegar em casos extremos a uma inibição na escolha de objeto (homossexualismo exclusivo)

O CDE NA MENINA

- ◉ Enquanto a **castração** marca o desfecho do CDE masculino, ela é o **motivador do CDE feminino**, podendo resultar no seu reconhecimento/aceitação ou na sua rejeição
- ◉ F aponta **3 linhas de desenvolvimento** possíveis:
 1. **Repulsa da sua sexualidade** resultado do abandono da atividade fálica com seu pequeno penis
 2. **Apego à sua masculinidade**, que pode chegar a uma inibição na escolha de objeto (homossexualismo)
 3. Toma seu pai como objeto - > levando a viver o **CDE feminino**

Consequências:

O CDE “com frequência, de modo algum é superado pela mulher” -> consequências culturais de um superego “fraco”, isto “dá seu cunho especial ao caráter das mulheres como seres sociais” (238)

FENÔMENOS DA VIDA SEXUAL FEMININA

A **fase pré-edipiana** pode explicar vários fenômenos da vida sexual feminina:

- ◉ “Muitas mulheres que escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, [...] repetem [na vida conjugal] seus maus relacionamentos com as mães” (239) -> **transferência das ligações objetais primitivas**
- ◉ A **atitude hostil com a mãe** “não é consequência da rivalidade implícita no CDE, mas se origina na fase precedente” (239) pré-edípica.
- ◉ **O que provoca o afastamento da mãe?**
 1. **Ciúme** (rivals: pai, irmão, trabalho, etc.): “o amor infantil[...] exige a posse exclusiva, não se contenta com menos do que tudo” (cf objeto subjetivo de Winnicott e Objeto A de Lacan)
 2. **Efeito da castração**: a “sedução” materna, masturbação clitoriana, repressão -> revolta (cf. 3 atitudes) – decepção com a mãe (não deu leite e não deu o pênis).
- ◉ **Ambivalência** amor/ódio do bebê (cf. Winnicott)

ATIVIDADE E PASSIVIDADE NA FASE PRÉ-EDIPIANA - I

- ◉ Na **fase pré-edipiana** a menina (depois F fala da “criança”) tem “objetivos sexuais” tanto **ativos** como **passivos**.
- ◉ “Quando uma criança recebe uma **impressão passiva**, tende a produzir uma **reação ativa**” (244) -> imitação -> “trabalho [...] de dominar o mundo externo”
- ◉ Isto “pode levar a que se esforce por **repetir** uma impressão que teria toda a razão para evitar por causa do seu conteúdo aflitivo” (cf. *Além do princípio do prazer*)
- ◉ “O **brinquedo** é utilizado “para servir ao fim de suplementar uma experiência passiva com um comportamento ativo” (244) e, desse modo anulá-la
- ◉ Temos “uma revolta inequívoca **contra a passividade** e uma preferência pelo papel ativo” (a intensidade disso varia para F de criança para criança)
- ◉ As **primeiras experiências sexuais** em relação à mãe “são de **caráter passivo**”

ATIVIDADE E PASSIVIDADE NA FASE PRÉ-EDIPIANA - II

- ◉ “A **criança** contenta-se quer em **se tornar autossuficiente** [...], quer em **repetir experiências passivas sob forma ativa** no brinquedo” (244-245)
- ◉ Isto acontece na menina quando brinca com as bonecas: vista como “sinal de uma feminilidade precocemente desperta”, mas este é o lado ativo da feminilidade, prova de sua ligação à mãe.
- ◉ F identifica na menina uma “**atividade sexual**” em relação à mãe que se expressa “em inclinações orais, sádicas e, por fim, até fálicas” (245)
- ◉ Trata-se de “**impulsos instintuais obscuros**” que só posteriormente podem ser *interpretados* por ela (possibilidade que se dirijam para o pai), se manifestando sob forma de impulsos orais agressivos, sádicos, desejo de morte (medo de ser morta pela mãe)

ATIVIDADE E PASSIVIDADE NA FASE PRÉ-EDIPIANA - III

- ◉ F detecta na clínica frequentes acusações das meninas de terem sido seduzidas pela mãe
- ◉ Mediante os rituais de **higiene**, a mãe “seduz” e inevitavelmente inicia a filha na **fase fálica**, a sedução sucessivamente pode ser transferida na fantasia de sedução para o pai
- ◉ “Impulsos cheios de desejo, intensos e *ativos* [dirigidos à mãe] surgem durante a fase fálica” -> **masturbação clitoriana**
- ◉ **Fantasias** em relação à mãe (provavelmente não representáveis) quando nasce um novo filho, levam a menina a “crer que ela deu à mãe o novo bebê”
- ◉ O **afastamento da mãe** constitui um passo importante no desenvolvimento da menina

O AFASTAMENTO DA MÃE

- ◉ Observa-se nesta **fase** “um acentuado **abaixamento** dos impulsos sexuais ativos e uma **ascensão** dos passivos” (247)
- ◉ Quando a menina reprime sua masculinidade prévia, “**uma parte** de suas **tendências sexuais** em geral fica também permanentemente **danificada**” (247)
- ◉ “A **transição para o objeto paterno** é realizada com a ajuda das tendências passivas na medida que escaparam à catástrofe”
- ◉ Os **impulsos libidinais** parecem seguir o mesmo curso em ambos os sexos na fase pré-edípica, mas depois, “fatores biológicos, **desviam** essas forças libidinais [no caso da menina] **de seus objetos originais** [...] conduzindo as tendências ativas [...] masculinas, para canais femininos” (247) (F se pergunta se o fator biológico que produz a excitação masculina e feminina é o mesmo)

TEORIA OU REALIDADE?



Parte III

MASCULINO E
FEMININO EM
FERENCZI E
WINNICOTT

FERENCZI: UM OLHAR SOBRE EXCLUÍDOS E DIFERENÇAS

Marginalizado nos círculos psicanalíticos, Ferenczi se apresenta como defensor dos excluídos e integrante da elite intelectual da época em Budapeste -> Círculo Galileu. (formado por livres-pensadores, antimilitaristas, literatos, poetas, filósofos, etc)

- 1905 -> Comitê Humanitário Internacional de Defesa dos Homossexuais > "Rosa K", e "Estados Sexuais Intermediários". *A Medicina tinha para ele o dever de investigar e debater publicamente através do meio acadêmico e científico todos os fenômenos que pudessem ter alguma relação com a condição humana.*
- 1906 -> se volta para os aspectos da Cultura, da Arte e da Sociabilidade da teoria freudiana presentes nos sonhos, lapsos de linguagem e sentidos dos sintomas; tendo a interpretação como meio de cura.
- 1908: "Do Alcance da Ejaculação Precoce" -> em defesa das mulheres. O desencontro sexual como exemplo típico. A hipocrisia social como fator de adoecimentos e falhas na comunicação entre homem/mulher. O homem é aproximado da imagem de um abusador, dotado de uma falha empática à condição da mulher. A mulher torna-se refém de certa anulação pessoal por meio do casamento.
- 1923: "Um pênis anal oco na mulher" > o homem como referente para pensar a mulher. Desconsidera-se a especificidade da condição feminina

FERENCZI: CONFUSÃO DE LÍNGUAS: HOMEM / MULHER

- 1924: "Fantasias Provocadas" e "Thalassa" (Ontogênese e Filogênese) > integração dos erotismos no sentido da genitalidade
- 1929: "Masculino e Feminino" > as diferenças fundamentais entre a maturidade e a capacidade de se autos-sacrificar pelo outro entre o homem e a mulher. A mulher como possuidora de certo Saber. O homem como essencialmente egoísta e competitivo
- 1933: "Confusão de Línguas entre os adultos e a criança" > o **trauma** como fator tácito e mnêmico da condição feminina.
- A definição de trauma dada por Ferenczi, introduz uma clínica psicanalítica pautada nas dissociações e na **não-representabilidade** da experiência traumática.
- Desta constatação, podemos conjecturar que o encontro amoroso, inserido em um contexto sociocultural respaldado pelas diferenças de valor entre os gêneros, é marcado em sua maioria pela **dinâmica agressor(a)/vítima**, em que as passagens ao ato superam as comunicações empáticas.

DESENVOLVIMENTO SEXUAL E FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

- ◉ Em linhas gerais, Ferenczi é caracterizado como o primeiro psicanalista capaz de incluir na prática clínica o valor da **empatia** e da veracidade dos encontros humanos como fatores *sine qua nom* para o processo curativo.
- ◉ No entanto, assim como Freud, Ferenczi continuou **preso ao modelo masculino** para se compreender a mulher, havendo uma certa idealização da mulher como essencialmente abnegada e voltada à maternidade.
- ◉ Na esteira de Ferenczi, Winnicott nos textos sobre o CDE não traz avanços significativos em relação a Freud, no entanto ele subverte a teoria freudiana no que diz respeito à formação dos elementos masculino e feminino.
- ◉ Se F. associava masculino a atividade e feminino a passividade (cf. a importância da presença do fator feminino em *Análise terminável e interminável*, cf. GIROLA, 2004, p. 92-98), W associa o elemento feminino à formação do Self e o masculino à estrutura pulsional.

ELEMENTO FEMININO PURO EM WINNICOTT

- ◉ Enquanto Freud relaciona a formação dos aspectos m e f às diferenças anatômicas entre os sexos e ao processo de castração, W fala de elementos m e f a partir de uma **outra ótica**, ligada à formação do **Self** e às **relações de objeto** (criatividade e capacidade de brincar).
 - O elemento f se origina de uma experiência de identificação primária a partir do caring e holding adequados da mãe suficientemente boa (narcisismo primário -> Self).
- ◉ A relação de objeto baseada no **elemento f** é focalizada no **ser** (objeto subjetivo) e baseada na identificação primária com a mãe (seio), aquela baseada no **elemento m**, no **fazer** (relação pulsional com o objeto não-eu):
 - "O elemento masculino faz, enquanto o elemento feminino é" (1957, p. 140)
 - No "relacionamento do elemento feminino puro com o seio encontra-se uma aplicação prática do objeto subjetivo [o bebê é o seio, cria o seio], e a experiência a esse respeito abre caminho para o sujeito objetivo, isto é a ideia de um eu (self) e o sentimento de realidade que origina o sentimento de possuir uma identidade" (Winnicott, 1975, p. 114).
 - "Do lado do elemento feminino (...) a identidade exige tão pouca estrutura mental que esta identidade primária pode constituir uma característica desde muito cedo" (1994, p. 140).
 - "Há uma quantidade variável de elemento menina em uma menina ou menino" p 142

ELEMENTO MASCULINO PURO EM WINNICOTT

- ◉ Para W o **relacionamento de objeto** “pautado pela pulsão instintual pertence ao elemento **masculino**” (1994, 142).
- ◉ O relacionamento objetal do elemento m com o objeto supõe a separação” (Idem, p. 140) e portanto um *estagio mais avançado de desenvolvimento psíquico*:
 - ◉ “Assim que a organização do ego se acha disponível, o bebê concede ao objeto a qualidade de ser não-eu, separado, e experiência satisfações do id que incluem a raiva relativa à frustração”.
- ◉ O **elemento m** “transita em termos de uma **relação ativa ou passiva**”.
- ◉ Na esteira de Ferenczi, W acredita que o **encontro com o mundo externo** e a progressiva **constituição de um princípio de realidade** funcionam como uma **antecipação do CDE**, na construção de relações criativas que envolvem a possibilidade do *concern* sem a destruição do Self.

Parte IV

ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS

NOVAS CONFIGURAÇÕES DO COMPLEXO DE ÉDIPÓ

- ◉ Um elemento que F não leva em consideração é a influência da **relação** existente **entre os pais** e entre a intrincada trama de pais biológicos e pais adquiridos (do triângulo edípico ao **pentágono edípico**) na formação e dissolução do CDE, nos meninos e nas meninas.
- ◉ Diferente **configuração do significante feminino** na sociedade: as mulheres ocupam espaços antes considerados “masculinos”, com poder econômico e realização profissional parecidos ou superiores aos do homem.
- ◉ Diferente **configuração do significante masculino** na sociedade: cada vez mais competem de par a par com mulheres que os querem “fálicos”, mas que ao mesmo tempo os querem “castrados” (cf. cap. 1 da Série *Easy*)
- ◉ **Crise da função paterna**, que leva da formação do superego da repressão para a busca do gozo (Cf. Melman & Lebrun, p.)

AFINAL, O QUE AS MULHERES QUEREM?

- ◉ Para Sílvia Nunes, a pergunta, dirigida por F a Marie Bonaparte depois de 30 anos de estudos sobre a alma feminina, revela, “os impasses da condição feminina diante da permanência das expectativas sociais em torno da maternidade, ainda na década de 1930 (Perrot, 2007)”
- ◉ “As teses freudianas sobre a mulher e sua sexualidade são tributárias de uma determinada concepção sobre o feminino, elaborada na aurora da modernidade europeia, que marcou as sociedades ocidentais”
- ◉ Aspectos apontados pela autora sobre esta concepção:
 1. Nos séculos XVIII e XIX, no bojo da constituição da ordem familiar burguesa, os médicos passaram a defender a **fixação da mulher à função materna**, ao lar e ao casamento, ratificando a dominação da mulher pelo marido, num projeto político que lhes fechava as portas para qualquer outra forma de inscrição social (Schiebinger, 1991).
 2. **Contradição com o modelo de sociedade liberal** e igualitária emergente
 3. **Ancoragem da diferença sexual e cultural dos sexos em uma biologia** da incomensurabilidade,: homens e mulheres foram pensados como radicalmente diferentes (Laqueur, 1987).
 4. Surge “uma **ligação** fundamental **entre o sexo feminino e a maternidade**, inexistente até aquele momento, com a construção da ideia de instinto materno (Badinter, 1985)”

AMBIGUIDADE DA MULHER NO CRISTIANISMO

A posição de Nunes é marcada por uma análise que tende a desligar o “feminino” de suas características biológicas, para demonstrar que o que o define é uma **visão sociocultural**, historicamente condicionada

1. “**Até o século XVII, as mulheres não eram responsáveis pela sobrevivência e pela educação dos filhos** e nem convocadas a assumir uma função de maternagem” (no século XVII Harvey descobre a função do óvulo na reprodução humana)
2. Até então teria prevalecido uma **visão negativa da mulher** “herdada do **cristianismo** primitivo, que concebia o sexo feminino como mais carnal, dotado de sentimentos maléficos e de um desregramento sexual ameaçador (Dalarum, 1990), O cristianismo estabeleceu uma relação entre o feminino, o sexo e o mal” (...). “Até a Idade Média e o Renascimento a mulher aparece como uma figura perigosa e diabólica, mais inclinada à luxúria e aos excessos sexuais, portadora do mal e da morte (Richards, 1993). (Cf. [Malleus Maleficarum](#))
3. Podemos observar que essa visão desemboca sucessivamente, de alguma forma, na visão da doença mental e em particular da *loucura* das histéricas (cf. relação doença pecado em GIROLA, 2004, pp. 26s).

A MULHER GUARDIÃ DA FAMÍLIA

- ◉ A visão do feminino se transforma, na análise de Nunes, a partir do **equacionamento feminino/maternidade**:
“começa a ser construída uma **imagem positiva da mulher**, que passa então a ser vista como sensata, modesta e ponderada, cujas ambições não ultrapassariam os limites do lar (Rousseau, 1992 [1762])”
- ◉ A *nova* “visão sobre o sexo feminino vai se fazer paralelamente ao estabelecimento de uma **nova concepção sobre a diferença entre os sexos**”
- ◉ “Segundo Thomas Laqueur (1989), é no século XVIII que a diferença entre homens e mulheres começa a ser pensada como uma **derivação direta da diferença sexual**”
- ◉ Surge assim “uma vinculação entre a diferença morfológica entre os sexos **e diferença de gêneros**, construindo-se novas ideias de feminilidade e masculinidade”.

A MULHER NA ANTIGUIDADE

- ◉ Para Nunes “Até o século XVII, a visão dominante sobre o sexo feminino e a diferença sexual era a mesma da Antiguidade (...). Essas ideias se apoiavam, sobretudo, no pensamento de **Galeno**, que durante muito tempo foi hegemônico no Ocidente (Foucault, 1984)”
- ◉ “Galeno pensava a **mulher** como um homem que tinha os **órgãos sexuais invertidos**. (...) Essa inversão se daria pelo fato de o sexo feminino ser dotado de **menor quantidade de calor corporal**. O homem seria *mais perfeito* por ser mais quente (...). Na concepção de Galeno era o calor que determinava a diferença de sexos” (cf. tese de Aristóteles sobre o desfecho da inseminação).
- ◉ “É somente no século XVIII, *a partir da necessidade de redefinir a posição da mulher na família e na sociedade europeia*, que se observa uma **nova forma de pensar a diferença entre os sexos**” (notar que a causa da mudança de posição é culturalmente embasada cf. meu grifo).

UM NOVO PERFIL DEFINE O FEMININO MODERNO

- ◉ A medicina passa a “rejeitar a imagem do sexo feminino como imperfeito (...); o **útero** (Histeria) é considerado um órgão nobre e característico da mulher. O corpo feminino vai passar a ser tratado como possuindo características específicas, que determinariam sua vocação para a maternidade”
- ◉ “Começa a prevalecer a ideia de que existiria uma **diversidade biológica** entre os dois sexos”
- ◉ Há uma “consolidação da ideia de uma **diferença de essências, naturalmente determinada**, que passou a justificar inserções sociais diferentes para homens e mulheres”
- ◉ O iluminismo e o romantismo traçam um “perfil feminino ancorado em uma suposta essência naturalmente determinada, que acabou por **negar às mulheres o estatuto de cidadãs**”
- ◉ “Apontavam (...), como **características da essência feminina**, atributos como: fragilidade, doçura, afetividade, passividade e capacidade de sacrifício”

O MAL-ESTAR DA MULHER HOJE

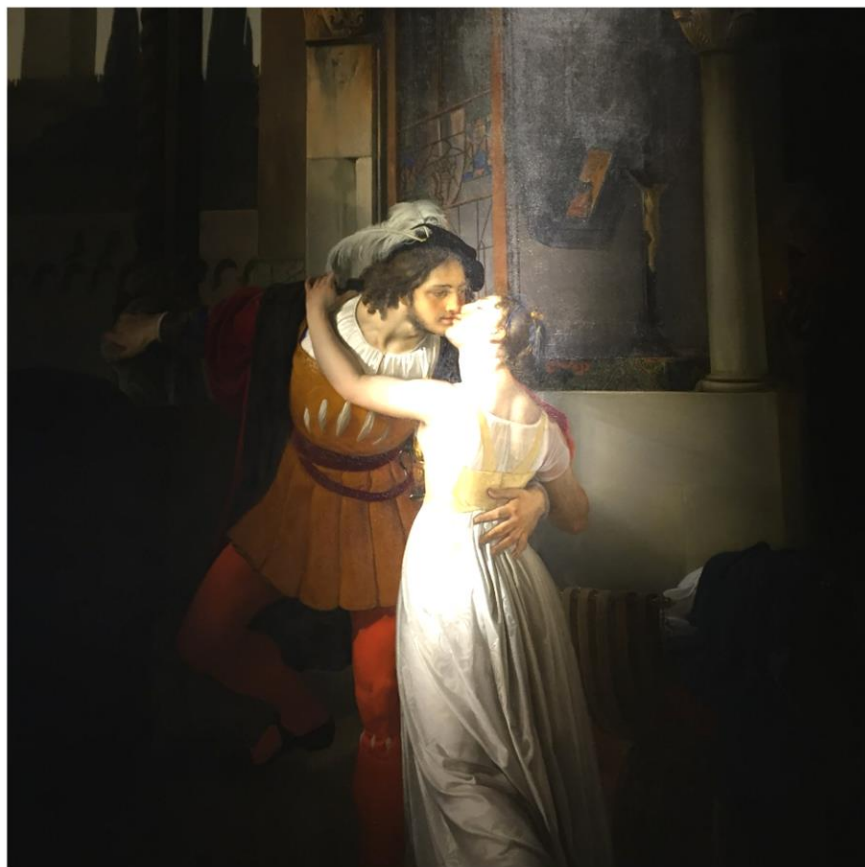
- ◉ Para Nunes a “**ampliação do horizonte feminino** para além da esfera doméstica”, possibilitando uma ampliação da “capacidade desejante em quererem múltiplos e diversificados”.
- ◉ A **pílula anticoncepcional** permitiu às mulheres decidir e controlar o acesso à maternidade, separando prazer sexual e procriação” (somente nos anos 60 o Concílio Vaticano II admitiu essa possibilidade para os católicos)
- ◉ Diante do desdobrar-se desse novo universo feminino, surge a pergunta: *Afinal, o que querem as mulheres?* A multiplicidade de respostas revela “um **mal-estar** diante dos diferentes “quereres” das mulheres na contemporaneidade”
- ◉ “O paradigma que associou feminilidade e maternidade hoje não é mais suficiente para definir as mulheres, [mas] ele ainda está presente no imaginário social sobre o sexo feminino”: a ideia que a mulher só se realiza plenamente com a maternidade permanece poderosa.

ENTRE DOIS IDEAIS

- ◉ “Elizabeth Badinter [citada por Nunes] chama a atenção para uma revolução silenciosa que se operou nos últimos anos, principalmente na Europa. Esta tem como um de seus objetivos **recuperar** uma naturalização da **associação maternidade / feminilidade**”, amplamente “questionada e criticada pelos estudos de gênero e pelas lutas feministas das décadas de 1960 a 1980(Badinter, 2010)”
- ◉ “O retorno contemporâneo da ideia de uma natureza feminina voltada para a maternidade tempera a recém-conquistada **liberdade de escolha** com boa dose de **culpa**”
- ◉ “Independentemente de suas escolhas, as mulheres parecem estar sempre se medindo a partir do tal **ideal contemporâneo** que ou resistem em assumir, ou não se sentem capazes de realizar” “Nesse contexto, pânico, angústias, depressões diversas derivadas dos conflitos ligados ao desejo ou não de ser mãe e à própria experiência da maternidade constituem na atualidade grande parte das **demandas femininas de análise**”

Parte V

A AMBIGUIDADE DO FEMININO NO CONTEXTO JUDAICO- CRISTÃO



Cuida-te muito em fazer chorar uma mulher, pois Deus conta as suas lágrimas.

A mulher foi feita do costado do homem, não dos pés, para ser pisoteada, nem da cabeça, para ser superior, senão do costado, para ser igual, de debaixo do braço, para ser protegida e do lado do coração, para ser amada.

VISÃO FEMINISTA E CRISTIANISMO

Algumas afirmações da visão feminista merecem ser examinadas com cuidado (ex: separação feminino/maternidade até o século XVII):

- ◉ A visão judaico-cristã sobre a mulher e seu papel no mundo é certamente polarizada. Isto nos leva a identificar elementos que a leitura feminista, ideologicamente focada, não leva em conta ou simplifica (busca do significante trocado do discurso cristão)
 1. O **relato bíblico** da criação do homem e da mulher continua **fundante** para essa tradição que marcou a formação da cultura ocidental. As interpretações da exegese contemporânea são interessantes e alinhadas com alguns temas da psicanálise.
 2. Nesse relato a preocupação é mostrar a **dignidade do H e da M** – ambos criados à imagem e semelhança de Deus, e portanto sua igualdade diante do criador (embora escritos em épocas já marcadas pela discriminação).
 3. A proclamação já no V século (Concílio de Éfeso de 431) do **dogma da Theotocos** (Theo=Deus/Tokos=parto -> mãe de Deus), influencia profundamente o ideário cristão (e a iconografia cristã no decorrer dos séculos, basta visitar qualquer museu ou igreja cristã)
 4. Ao lado da **caça às bruxas (Inquisição)**, temos importantes **figuras femininas** que pontuaram a história do cristianismo (Teresa de Ávila, Catarina de Siena, Cristina de Suécia, Clara de Assis, etc.), todas elas com um tom marcadamente contestador diante do machismo clerical dominante.

RELATO BÍBLICO DA CRIAÇÃO (II MILÊNIO AC)

- ◉ J. Bartoli, faz em sua tese de doutorado uma leitura original do relato da criação a partir do exegeta francês A. Wénin, frisando que na interpretação tradicional do texto bíblico:
 - “A referência não era o texto bíblico mas a ortodoxia ou a mensagem cristã” (p. 224s) -> texto usado para defender/provar algo pré-estabelecido
 - A primeira observação de Wénin é que no relato sobre a criação de HÁ’ADAM o texto usa o plural “*façamos*” -> a criação do homem envolve o próprio homem: Adonai estaria mostrando o projeto a ser realizado em conjunto com o homem.

“Façamos ‘adam em nossa imagem, como nossa semelhança” (Gn 1,26)	“E Elohim criou há’adam, em sua imagem, em imagem de Elohim ele o criou, macho e fêmea ele os criou” (Gn 1,27)
“Que eles dominem os peixes do mar e o volátil dos céus e o gado e a terra toda” (Gn 1,26)	“E Elohim os abençoou e Elohim lhes disse: ‘Frutificai e multiplicai e enchei a terra e submetei e dominai o peixe do mar e o volátil do céu e todo ser vivo rastejando na terra” (Gn 1,27)

SUTILEZAS DO VOCABULÁRIO BÍBLICO

- Os verbos usados no relato da criação são **barah** (criar-> fazer algo novo) e **asah** (fazer), o primeiro no singular, o segundo no plural
- Outros termos que chamam a atenção são **celém** (imagem) e **dmût** (semelhança), o primeiro indica uma imagem plástica, uma escultura, o segundo um aspecto dinâmico, "se parecer com".. O termo semelhança não aparece mais.
- Macho e fêmea -> parte animal do humano (a ser educada)
- A refrão "'Adonai viu que isto era bom", que aparece nos outros momentos da criação, desaparece na criação do homem e na separação das águas -> **sinal de incompletude**: o homem é feito a imagem de Adonai, mas ainda não reflete sua semelhança, esta deverá ser alcançada
- Deus ao usar "**façamos**" convoca o humano para a tarefa da humanização: o humano é essencialmente incompleto
- O H é finalmente convocado a dominar a terra (imagem de Deus), uma tarefa que exige a *dmût* (semelhança com Adonai -> domínio sem violência, busca da harmonia)

FALTA E DESEJO

- ◉ O relato sobre a árvore do conhecimento do bem e do mal:
 - Adonai dá uma ordem: “de todas as árvores do jardim comer comerás. Todavia da árvore do conhecer bem e mal tu não comerás, porque no dia em que comerás dela, morrer morrerás” (Gn 2, 16-17)
- ◉ Temos uma autorização e uma interdição do desejo: o “conhecimento do bem e do mal” afetaria o H : há uma interdição -> duas leituras:
 - Adonai reserva a exclusividade deste conhecimento para si (como explicará o Tentador para a mulher)
 - Adonai alerta contra o perigo mortal do Gozo: “Deus doa todas as árvores cuja visão desperta o desejo e, ao mesmo tempo, dá um limite que educa esse desejo. Segundo essa lógica, viver é consentir uma falta, uma carência, fazer seu luto da totalidade” (p. 240)

A CRIAÇÃO DA MULHER

- ◉ No relato bíblico a criação da mulher nasce de uma constatação de incompletude do humano: “Não é bom que o humano esteja em sua solidão”.->“O texto bíblico não fornece nenhuma base para fazer do humano um ser de gênero masculino” (p. 241)
- ◉ A solução: “Farei para ele um ‘ézer (socorro) como seu face a face” . A palavra ‘ézer indica uma intervenção indispensável para salvar alguém de um perigo mortal.(a relação vista como salvação da morte)
- ◉ Relação “face a face” ->comunicação e confronto:
 - “Adonai Elohim fez cair um torpor sobre o humano (...), e ele tomou um dos seus costados e fechou a carne nesse lugar. E Adonai Elohim construiu o costado que ele tinha tomado do humano em mulher, e a fez vir para o humano” (Gn 2, 21s)
- ◉ O surgimento do face a face se dá numa dupla carência:
 1. Torpor: ninguém assiste (conhece) à criação do outro (o outro como mistério)
 2. A mulher é criada a partir de uma cicatriz do homem -> nenhum dos dois é completo

A RELAÇÃO

- ◉ Toda relação (...) impõe uma dupla carência, de conhecimento [sono] e de completude individual [ferida]" (p. 242)
- ◉ "A presença do outro reenvia cada um à sua própria imagem de ser carente, e sua diferença lhe ensina que ele nunca sabe tudo do outro" (p. 242)
- ◉ "Viver humanamente significa conhecer uma perda, um limite, tanto no ser como no conhecer" (p. 242)
- ◉ Ao ser apresentada ao homem, a mulher é vista como mais um dom divino (como o resto da criação)
- ◉ Reação do homem (macho) -> ruptura de sentido -> ele sabe
 - "... E o humano diz 'Esta , dessa vez, é osso dos meus ossos e carne da minha carne. A Esta será gritado 'ishah (mulher), porque de 'ish Esta foi tirada" (Gn 2, 23)
 - Com essa definição o homem apaga "o efeito do torpor (...) e faz como se nada escapasse ao seu conhecimento" (p. 244) -> tentação totalizadora do desejo, recusa do limite
 - Reação do narrador: "o homem abandonará seu pai e sua mãe e se apegará à sua mulher e eles se tornarão uma carne única" (Gn 2,24) (*basar*->fragilidade/vulnerabilidade)

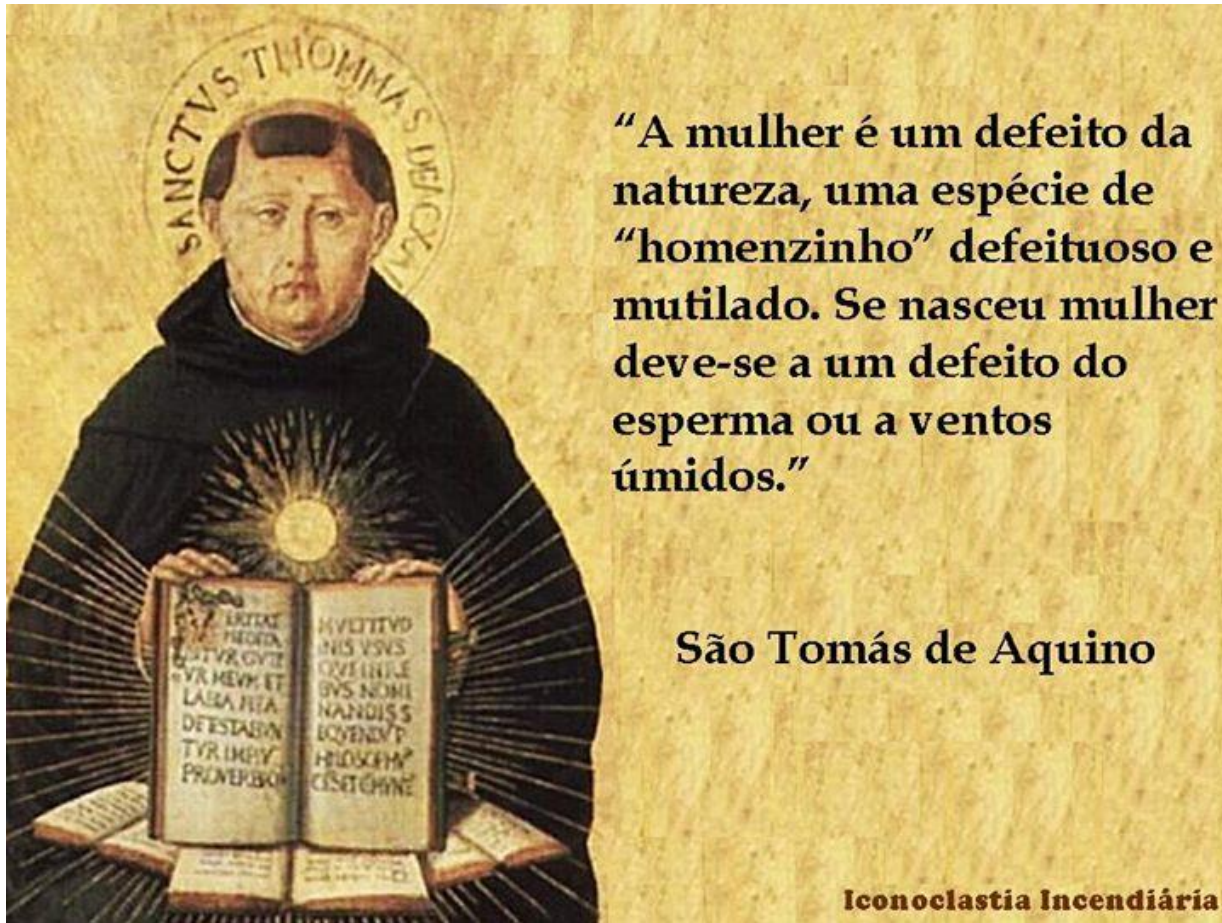
AMBIGUIDADE

- ◉ Wénin observa o silêncio da mulher e o silêncio de Adonai.
- ◉ Com sua fala o H parece esquecer que ele não conhece e a diferença que lhe impede de falar sobre a mulher (os dois não tem vergonha de sua nudez)
- ◉ Só mais tarde eles descobrem sua nudez -> a diferença e o limite de cada um
- ◉ Atrás da narrativa aparentemente idílica, descrevendo a harmonia do casal primitivo, se esconde “a cegueira de um homem que acha ter encontrado a alma irmã e da mulher que se acomoda com o status que ela recebe dele” (p. 246)
- ◉ A narrativa com seus contrastes aponta para uma realidade (vigente na época em que o texto foi escrito) que nega os pressupostos do “projeto” divino -> abolição do limite, negação da diferença e da impenetrabilidade do outro

A TEOLOGIA ESCOLÁSTICA

- ◉ Por séculos a *Teologia Escolástica* foi norteadora para a leitura cristã (antecede a reforma luterana) do mundo, de Deus e da própria mulher.
- ◉ A Suma Teológica de Tomás de Aquino é uma imponente obra que funda essa linha de pensamento.
- ◉ A sua leitura, supõe a compreensão da maneira medieval de abordar as questões: Enunciado, *Videtur* (Teses contrárias de outros autores), *Sed contra* (Tese do autor).
- ◉ **Tomás de Aquino** é importante para a filosofia ocidental pois, na esteira dos pensadores árabes Avicena e Averroés, resgata o pensamento de Aristóteles, criando uma alternativa à predominância da filosofia platônica e neoplatônica que dominava o universo teológico cristão
- ◉ Suas teses sobre a mulher tentam achar um caminho para conciliar a visão grega sobre o feminino e a visão bíblica cristã.

MISOGINIA CRISTÃ?



Frase atribuída a Tomás de Aquino

A MULHER NA TEOLOGA ESCOLÁSTICA I

- ◉ A literatura feminista atribui a Tomás de Aquino duas teses:
 1. que as mulheres são machos defeituosos
 2. que o embrião humano masculino recebe uma alma racional mais cedo que a fêmea
- ◉ Aquino não faz a segunda reivindicação em nenhuma parte, e para a primeira, nega seis vezes, preocupado em afirmar a dignidade da mulher criada a imagem de Deus, em contraposição à tese de Aristóteles sobre a reprodução humana:
 1. A teoria de reprodução de Aristóteles identifica o sêmen como a substância reprodutiva masculina. A substância reprodutiva feminina seria uma fração muito pura do sangue menstrual. Ambas as substâncias, diz Aristóteles, são produzidas pelo corpo em um processo de concentração que requer calor. A substância masculina, o sêmen, está mais concentrada que a substância feminina. Aristóteles conclui que o macho possui mais calor do que a fêmea. A fêmea, de acordo com isso, está relativamente com falta de calor (a fêmea seria um macho *occasionatus*->no âmbito geral do equilíbrio natural, é um "acidente feliz"). Ou seja, a mulher surge de algum fracasso na ação do sêmen.
- ◉ Para Aquino, "A mulher não pode ser planejada pelo sêmen masculino, mas certamente é planejada pela natureza. E já que Deus é o autor da natureza, a fêmea é planejada por Deus. Sendo planejada, não é defeituosa (*Summa*, 1, 91, 1)

A MULHER NA TEOLOGIA ESCOLÁSTICA II

- ◉ A mulher, diz ele, (*Summa* 1, 92, 3) não foi formada da cabeça do homem, porque ela não deve dominá-lo. Nem ela foi formada a partir de seus pés, para que ela não deve ser desprezada pelo homem, como se ela estivesse sujeita a ele como um servo. Em vez disso, ela foi feita a partir do seu lado, de modo a significar que o homem e a mulher devem ser unidos como aliados (*socialis coniunctio*)
- 1. **Conclusão:** Fica difícil atribuir a Tomás de Aquino qualquer discriminação da mulher baseada na ordem natural, no entanto é claro que existe no cristianismo uma grande ambiguidade sobre a mulher: Ela pode ser portadora de Deus (Theotocos) ou então portadora do demônio (Cf. [Malleus Maleficarum](#))
- 2. Resta a pergunta: o que originou essa ambiguidade, tão incoerente do ponto de vista da teologia cristã? Creio que evidentemente estejamos diante de uma complexidade do feminino com a qual o cristianismo não soube lidar

Parte V

LACAN E O FEMINISMO

FEMINISMO E PSICANÁLISE

- ◉ Deborah Luepnitz, em *Beyond the phallus: Lacan and feminism (Cambridge companion to Lacan)*, atribui à influente feminista inglesa *Juliet Mitchell* o mérito de ter reagido a uma tendência de rejeição da psicanálise por parte do feminismo
"[A] rejeição da psicanálise e das obras de F é fatal para o feminismo. (...) [A] psicanálise não é uma recomendação para a sociedade patriarcal, mas a sua análise. Se estamos interessadas em compreender e contestar a opressão das mulheres, não podemos ignorá-la" (p. 221)
- ◉ Com isso Mitchell permite superar o dualismo *nature x nurture* (natureza/enculturação), "nem a biologia e nem a cultura podem esgotar o sentido da fantasia individual de subjetividade" (p. 221)
- ◉ Mitchell em sua obra *Feminine Sexuality: Jacques Lacan and the 'école freudienne'* recorre a Lacan para o entendimento da sexualidade feminina, uma leitura que fez sucesso nos meios acadêmicos (cf. *Dicionário do feminismo psicanalítico*)

CRÍTICAS A LACAN NO MEIO CLÍNICO ANGLOSSAXÔNICO

- ◉ Nos meios clínicos feministas, no entanto, a escola inglesa (Klein e Winnicott-> relações de objeto) é preferida a Lacan, criticado:

- Pela sua linguagem elitista e obscurantista;
- Por não oferecer um suficiente embasamento clínico;
- Pelos questionamentos éticos sobre sua prática clínica abusiva com os pacientes e sobre o uso do “tempo lógico” para ganhar mais dinheiro.
- Pela sua insistência na noção de falo e na “metáfora paterna”
- Por desconsiderar (como F admitiu) o papel materno no desenvolvimento da criança

Nota: A própria Mitchell acabou se tornando uma psicanalista kleiniana e abandonou definitivamente Lacan

- ◉ Luepnitz no entanto afirma que é necessário retirar a ênfase sobre o Falo para “compreender o que mais Lacan pode oferecer às feministas, em particular “aquelas empenhadas na prática psicanalítica” (p. 222)

"COMPLEXOS FAMILIARES"

- ◉ "Os complexos familiares" [1938] está à frente do seu tempo para DL, ao mostrar quão pouco do que se considera natural em relação às famílias, e ao desenvolvimento humano, pode ser de fato atribuído à natureza.
- ◉ "As sucessivas referências de L à 'metáfora paterna' e ao 'nome do pai' **não** refletem a crença de que as famílias devam ser necessariamente constituídas por um homem e uma mulher, unidos em matrimônio" (p. 223)
- ◉ O limite à fruição da mãe (gozo) pode ser imposto pelo pai, por outro adulto ou pelo discurso (speech) da própria mãe.
- ◉ L prefere substituir a palavra "complexo" a "instinto" pelo fato do instinto no humano se manifestar através de um discurso (speech). O complexo não é nem orgânico, nem humano, mas se situa entre os dois.
- ◉ Ao complexo de Édipo, L adiciona os *complexos do desmame / separação (weaning/sevrage)* e da *intrusão (intrusion)*
- ◉ Para L o desejo de conexão se dá na separação do seio e não no laço afetivo durante a amamentação
- ◉ As falhas maternas se dão para L no processo de separação (frieza emocional) e não no processo de *adaptação* amorosa às necessidades do bebê (# Winnicott)

COMPLEXO DE SEPARAÇÃO: DAS DING E O OBJETO A

- ◉ L reconhece neuroses que se originam nos estados primitivos, mas em lugar algum sugere que seja o comportamento materno *per se* – a falha de adaptação quase perfeita da mãe winnicottiana – que causa problemas” (p. 223)
- ◉ Para L a imagem do seio (seio/ventre) materno domina a vida humana. De sua *falta* se alimentam a nostalgia, a religião e a utopia política
- ◉ Do ponto de vista lacaniano o mais importante que uma mãe pode fazer é de não estar em um estado de preocupação maternal primária com o bebê, sendo ao contrário um sujeito de seus próprios direitos, que não olha pra o filho como alguém que a completa (uma visão que deveria agradar o feminismo)
- ◉ 20 anos depois L introduz (Seminário 7) a teoria sobre a Coisa”
- ◉ Para L, na fase inicial o bebê não pode “representar” a mãe. Nesta fase a mãe não é um registo imaginativo, mas apenas um registo do Real, ela é “a Coisa”, registo ao qual se reporta todo sentimento nostálgico -> Objeto A (não representável)

DESEJO IRREALIZÁVEL

- ◉ Quando almejamos algo que foi “perdido”, estamos nos referindo a algo que psicologicamente é desconhecido e antecede a representação: esse é o sentido do **objeto a** (falta-a-ser), que fica no horizonte do desejo como algo inalcançável, representando a falta.
- ◉ Para L. a análise não tem a função de “ajustar” o paciente à vida em sociedade. “O domínio da análise é o desejo, a psicanálise não pode fazer nada mais do que habilitar o sujeito a lidar com o seu [desejo]” (p. 224)
- ◉ Necessidade e demandas podem ser satisfeitas, mas o desejo não. A verdade que a análise desvenda é que o desejo apenas pode ser deslocado em uma cadeia infinita de substituições, que se movem em direção à mãe (objeto a), em direção à ilusão de encontrar “a Coisa”
- ◉ A cadeia desejante sempre remete à falta e nunca ao encontro com o objeto. A análise visa ajudar o sujeito a sustentar a falta desse objeto não representável (das Ding)

COMPLEXO DE INTRUSÃO: ESTÁGIO DO ESPELHO

- ◉ É no encontro com os rivais que competem pelo afeto materno que se dá o que L chama de “estágio do espelho”
- ◉ Para L é perto dos 18 meses que o bebê pode reconhecer sua imagem no espelho e perceber a sua consistência corporal (forma e espaço): assimilando “a jubilosa apreensão de sua **imagem especular**” (p 225)
- ◉ A experiência tem um **desdobramento melancólico**: “ Por termos reconhecido nós mesmos no espelho, somos destinados no decorrer da vida a procurar fora de nós evidências de quem nós somos” (p. 225) -> distorções
- ◉ “A **identidade**, para L., é necessariamente um estado alienado – algo crucial para funcionar no mundo, mas também radicalmente instável” (p. 225)
- ◉ O analista é o último espelho, através do qual o analisando constata que não há nenhum agenciamento possível da verdade fora do sujeito.

COMPLEXO DE ÉDIPPO

- ◉ Diferenças em relação a F.:
- ◉ Para F, na “fase genital” são as diferenças anatômicas que inauguram /disparam o CDE.
- ◉ Para L. essas fantasias e medos referentes às diferenças genitais, só podem ser entendidas com base nos complexos anteriores.
- ◉ Complexo de separação -> já introduz a “perda” de uma parte do corpo (mamilo), assim como as fezes que são percebidas como sendo partes do corpo dadas ou perdidas.
- ◉ Em complexos familiares L. afirma:
 - “Esta fantasia (de castração) é precedida por uma série de fantasias de desmembramentos que retrocedem numa sequência regressiva, começando com deslocamento e desmembramento, seguidas por privação dos órgãos sexuais e esquartejamento e até por fantasias de ser devorado e sepultado”
- ◉ A fantasia de castração seria uma representação imaginária de fantasias mais primitivas -> co-extensiva à sensação de perda para H e M

POSIÇÃO E FUNÇÃO FÁLICA

- ◉ O “falo é aquilo que ninguém pode ter, mas que todos querem” (p. 226)
- ◉ O Falo é para L a *representação da falta*, um significante : “A ‘função fálica’ [portanto] (...) **não é uma característica de gênero**; se refere ao ser e ter, à falta e à negação da falta – *para todos os sujeitos*” (p. 226) -> a biologia apenas descreve o estado inicial de incompletude
- ◉ O falo não é um órgão, e sim uma “**posição**” (cf. Id, ibid.). A **Falta** está essencialmente ligada à maneira como o ser humano nasce “prematuramente”, em um estado de *incompletude e dependência*, como já F admitiu no *Projeto*.
- ◉ Devido à diferença entre o pênis freudiano e o falo lacaniano o conceito de **castração** muda completamente.
- ◉ Para L a castração é a “habilidade do sujeito de reconhecer a sua falta”.
- ◉ Longe de ser algo a ser evitado, a castração é necessária. “Uma precondição absoluta para a capacidade de amar”. (p. 227)
- ◉ “Não apenas o H deve lidar com a castração, mas a própria mulher deve enfrentar a mesma castração que o homem sofre”.

CASTRAÇÃO

- ◉ L mantém as diferenças anatômicas: para o neurótico a castração é também uma forma de abraçar sua identidade masculina ou feminina (# psicose de Schreber)
- ◉ Para L nada falta no corpo feminino, a falta é apenas um registro do imaginário e opera para todos (cf; p. 227) (cf. GIROLA, "[A inveja do útero](#)").
- ◉ O "falo não é aquilo que os homens têm e que falta nas mulheres, podemos dizer [ao contrário] que é aquilo que os homens acreditam ter e que se considera que as mulheres não têm" (p. 227)
- ◉ Fica a pergunta: por que L não nomeou o falo de outra forma (por ex. ômega ou totalidade), se de fato queria dizer outra coisa?

GOZO FEMININO

- ◉ Para F, Ferenczi e Winnicott, a libido é um instinto ligado ao elemento masculino. L adere inicialmente a essa teoria
- ◉ Depois de 1950, com os debates das feministas, L parece rever a sua teoria (Seminário sobre a Sexualidade feminina”, 1971,2)
 - “Freud claims that there is only masculine libido. What does that mean if not that a field that certainly is not negligible is thus ignored? That field is the one of all beings that take on the status of woman – assuming that being takes on anything whatsoever of her destiny” (S XX, p. 80).
 - (F sustenta que existe apenas uma libido masculina. O que isso significa a não ser que um campo que certamente não negligenciável é ignorado? O campo é aquele de todo ser que assume o status de mulher -- aceitando que ser comporta assumir a plenitude do seu destino”)
- ◉ L começa assim a trabalhar a teoria de que há no feminino uma potência que excede o gozo fálico (p. 228)
- ◉ Para L o gozo feminino é de difícil compreensão -> “continente obscuro” freudiano? (cf. citação Kristeva, p. 230)
- ◉ L compara a experiência desse “gozo” feminino àquela dos místicos que renunciam à função fálica para experimentar o *gozo do não pleno* (cf. p. 228)

RELAÇÃO SEXUAL

- ◉ Para L não existe relação sexual (cf. S XIV e XX), na esteira de F que também questionava que o instinto sexual pudesse alcançar a completa satisfação.
- ◉ O que L questiona é a possibilidade do amor romântico e a ilusão de que os indivíduos possam se completar mutuamente
- ◉ L, como as feministas, critica a sobrevalorização do mito ocidental do “amor verdadeiro”, mas para L esta não é uma construção sociocultural e sim uma questão estrutural do sujeito dividido pelo inconsciente (cf. p. 229).
- ◉ As ideias de L sobre o feminino inspiram numerosas feministas francesas. Outras preferem seguir Julia Kristeva, cuja definição do feminino se aproxima daquela de L.:
 - “Por ‘mulher’ eu entendo aquilo que não pode ser representado, o não dito, aquilo que permanece acima e além da nomenclatura e das ideologias” (p. 220);
- ◉ Outras seguem Irigaray que recusa a visão falocêntrica de F, defendendo que a mulher tem que poder nomear a mulher a partir de seu “corpo e prazeres”, defendendo uma ética da diferença sexual, defendendo porém a unicidade da sexualidade feminina: “a mulher tem órgãos sexuais mais ou menos em qualquer lugar” (crítica -> essencialização da exp. feminina)

SEXUAÇÃO

- ◉ No Seminário 20 L parece tentar elaborar uma fórmula para descrever a diferença sexual sem inscrevê-la numa diferença de essência

Masculino (<> H biológico)	Feminino (<> M biológica)*
<i>Todo H é sujeito à função fálica (H -> FF -> Ordem simbólica)</i>	<i>Não toda M é sujeita à função fálica -> pode fugir à Ordem Simbólica</i>
<i>H = tout (ordem simbólica)</i>	<i>M = pas tout (uma parte foge à ordem simbólica)</i>
<i>Uma única posição libidinal -> FF</i>	<i>Posição libidinal 1 -> FF Posição libidinal 2 -> Ø (significante do outro barrado) -> uma potência que excede o Falo</i>

- ◉ *Lado Feminino -> "Qualquer ser falante, como expressamente formulado na teoria freudiana, seja dotado ou não de atributos masculinos -atributos ainda a serem determinados-, pode se inscrever nesse lado"(S XX)
- ◉ Como sugere Ellie Ragland, "heterossexuais ou homossexuais, nós somos atraídos uns pelos outros sexualmente porque não somos inteiros e porque não somos os mesmos" (cf. p. 232)

A CURA PELA FALA E LACAN

◉ Deborah Luepnitz conclui seu estudo com 4 perguntas que merecem ser analisadas:

1. Qual é a posição do analista? -> questiona o analista ocupando a posição da mãe suficientemente boa na análise (processo de identificação paciente/analista, infantilização do paciente) -> L vê o analista como um representante do Grande Outro (impenetrável): "O objetivo da análise para L não é oferecer reparação, maternagem e tampouco incentivar o diálogo com a vida, e sim mudar a relação do sujeito com a morte e ajuda-lo(la) a examinar o sentido da mortalidade" (p. 232)
2. De onde vem o sofrimento neurótico? -> remete à questão nunca respondida se se origina em um trauma real ou imaginário. L supera a questão ao introduzir entre o real e o imaginário o simbólico, que favorece o retorno do Real no sintoma (cf. p 230s)
3. Como compreender o Complexo de Édipo? -> L acredita que o relato *Édipo em Colonos* seja mais significativo do que o próprio *Édipo Rei* -> é só no exílio que Édipo "elabora" suas questões a partir não apenas de um triângulo familiar e sim de um "erro de identidade". L prefere ao Édipo a trilogia de Claudel sobre a *Família Cloufontaine*, protagonizada por *Pensée*, que recusa o aprisionamento no matrimônio para criar seus filhos sozinha.

O ANALISTA

4. Quem pode analisar? -> A última pergunta de DL remete não somente à questão do *analista leigo* (como F, L defende o analista leigo), mas também à questão sobre o analista homossexual. Ou seja, até que ponto a identidade sexual e de gênero pode afetar o trabalho analítico/ A resposta de F a E. Jones sobre a exclusão dos homossexuais é taxativa:
 - o “Não podemos excluir essas pessoas sem outras razões suficientes, como não podemos concordar com sua perseguição”

L, que sempre alerta contra o “pai educador” e outros “mestres”, não deixou de ter acólitos, inclusive no movimento feminista, embora algumas feministas acabaram por abandonar o mestre.

No entanto, a terceira onda feminista admite que “o respeito, se não o amor, é a onda do presente. Sem a psicanálise o feminismo corre o risco de capitular diante de uma mera compreensão materialista da mulher, ou de se fixar numa compreensão reduzida das fantasias, da sexualidade e da subjetividade. Sem o feminismo a psicanálise corre o risco de reforçar o que F chamou de ‘misoginia normal’” (p 235)

Parte VI

COMPLEXIDADE PSICOLÓGICA DAS QUESTÕES DE GÊNERO

NEUROSES NARCÍSIICAS E DILEMAS CONJUGAIS - I

- ◉ Ferenczi > Trauma (Amor Líquido e primazia do Hiperreal) > Passagem ao ato > exigências irreais, essencialmente subjetivas sobre o parceiro(a) > sujeitos “normalóides” e/ou perversos sem mundo interno (cena primária) e capacidade de reconhecimento do outro para fora de si.
- ◉ **Normalóides** -> aparentemente pautados nas relações objetivamente objetivas e simbólicas, mas que as perdem assim que perdem concomitantemente seus referenciais narcísicos identificatórios -> Ignoram o próprio sofrimento psíquico.
- ◉ **Perversos** > imposição de suas fantasias sobre o outro que não as consentiu e/ou que não é responsável (cças, adolescentes, deficientes mentais, etc). Não é o ato sexual que é desviante. O ato em si perde sua característica de uma variação da sexualidade adulta (relacional) e adquire caráter sintomático, isto é, de destrutividade imposta a si mesmo e/ou aos outros.

NEUROSES NARCÍSMICAS E DILEMAS CONJUGAIS - II

- ◉ Apesar do acesso aos conteúdos sexualizados hoje ser fácil, estamos cada vez mais longe do acesso à experiência humana da sexualidade (o objeto amoroso não se individualiza aos olhos do sujeito; torna-se fortemente intercambiável).
 - *"(...) deparamo-nos com um outro desejo que pode muitas vezes prescindir, tanto da resolução orgástica, como da relação amorosa. Neste caso, a ameaça que paira sobre a sexualidade é mais arcaica, e está relacionada com o direito de existir e de poder pensar separada e independentemente. Aqui, o que está em jogo é a angústia originária, o perigo de desaparecer no outro e, ao mesmo tempo, de desejar a dissolução – essa morte psíquica face à qual o ser infantil e frágil inventará o que quer que seja, a fim de evita-la". (McDougall, J. 1983).*
 - *"(...) esses indivíduos chegam a perder a esperança de poder viver uma relação de amor que não seja destruída pelo ódio. (...) O sujeito ver-se-á, então, envolvido em um círculo vicioso que, iniciando pela idealização do objeto, suposto capaz de satisfazê-lo plenamente, culmina com a fúria e os fantasmas destruidores quando inexoravelmente manifesta-se tal impossibilidade por parte do outro". (McDougall, J. 1983).*

NEUROSES NARCÍSIICAS E DILEMAS CONJUGAIS - III

- ◉ **Pseudo-sexualidades** -> Expressão erótica parcial + contato com o outro limitado.
- ◉ **Finalidade:** identidade pessoal provisória, evitação da experiência catastrófica de aniquilação dos objetos subjetivos (Dolls, Aplicativos de Relacionamento, etc...).
- ◉ WINNICOTT: Para se relacionar há de ter uma maturidade constituída em que um e outro possam se identificar e trocar ludicamente de papéis (integração da ternura com a instintualidade) (cf. "Identificações cruzadas. In: *Brincar e Realidade*)
- ◉ No inconsciente, a destruição imaginária desta união e do próprio casal parental há de ocorrer, oferecendo um descanso à difícil tarefa constante de diferenciação dos mundos interno e externo. Abri tb acesso à experiência de solitude, graças à capacidade adquirida de estar só.
- ◉ Onde se encontram relações férteis nos dias de hoje?

JESSICA BENJAMIN

- ◉ Jéssica Benjamin é uma das psicanalistas contemporâneas que fortemente tem se dedicado a esta questão acima levantada, a partir das teorias da intersubjetividade, dos estudos de gênero, do feminismo e do campo sociocultural.
- ◉ Para se pensar as identidades e as sexualidades contemporâneas, Benjamin lança mão:
 1. das complexidades históricas socioculturais vigentes entre as diferenças entre os sexos;
 2. do “problema do desejo” além das necessidades para a compreensão adequada das identificações e inter-identificações da criança; que a possibilita estabelecer diferenças básicas entre ela e as outras pessoas;
 3. da constatação do lugar depreciativo delegado à mulher e ao campo do feminino, em que conseqüentemente, a tensão-base entre dependência relativa e independência relativa nos relacionamentos amorosos (que é característica da Saúde) é rompida no âmbito da Cultura.
- ◉ J.B. defende que decorrente deste contexto, tanto o menino quanto a menina precisariam rejeitar (negar, deslocar, cindir, etc) a ligação vital com a figura de cuidado inicial (que em sua maioria é a mãe, ou que podemos entender que oferece as experiências do feminino à criança) e todas as suas experiências de dependência decorrentes deste encontro inaugurante.

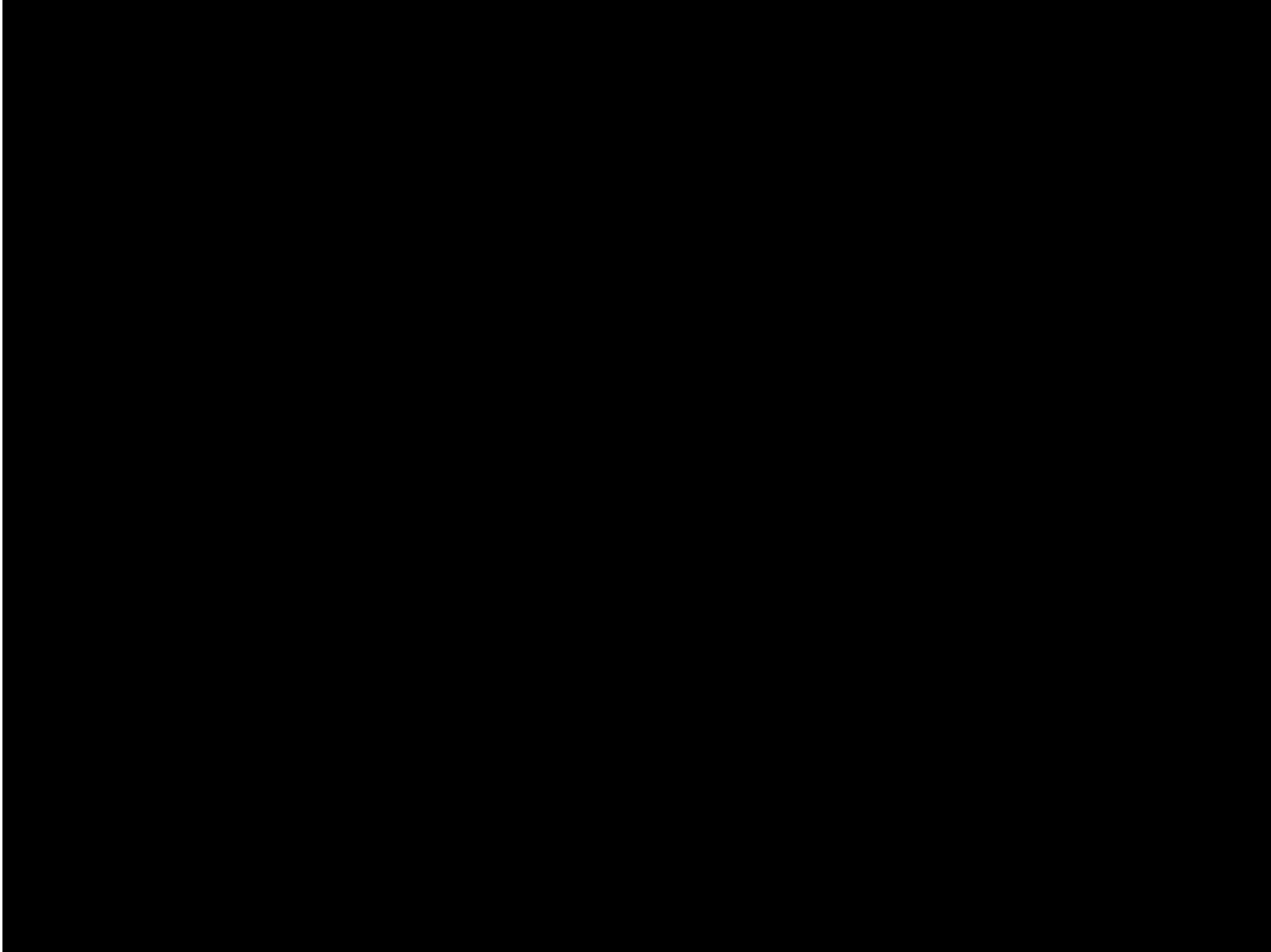
ENTRE A FASE INICIAL E O ÉDIPPO: O FALO LIBERTADOR

- ◉ A rejeição deste “amor identificatório”, com todo o seu sentido de apego, segurança e concomitante [dificuldade de] separação da mãe e das experiências da ordem do feminino (cf. Winnicott) prejudica o estabelecimento da identidade de homens e mulheres. Há um real prejuízo no repertório de vida e compreensão/vivência das relações humanas. Haveria um assentamento excessivo da vida psíquica humana sobre os estados excitados (cf. Winnicott) para reconhecimento de si e de compreensão da base dos relacionamentos a partir do âmbito exclusivo do Fazer/Ter (> Bauman).
- ◉ Nestes termos, J.B. acredita que enquanto é dada aos meninos a possibilidade de se identificarem com o pai e seu “falo” (supostamente representante do poder) e assim separarem-se da mãe e estabelecer suas identidades individuais autônomas, mesmo que parciais; esse caminho é negado às mulheres -> confusão de línguas (ternura x paixão [libido]). As mulheres novamente reiteram a experiência de se sentirem e se reconhecerem por vezes como menores, “faltantes”, “invejosas do falo”. Frequentemente não conseguem estabelecer uma relação humanizada com o pai, hora idealizado, hora recusado. Muitas vezes a mãe é responsabilizada por não favorecer-lá a sair deste impasse existencial.

MULHER OBJETO, MULHER SUJEITO

- ◉ Neste contexto, a mulher também passa a ser dessexualizada e negada em seu direito de ser sujeito; torna-se objeto de desejo do outro e se vê confinada a uma relação sádico-masoquista para estabelecer qualquer relação amorosa.
- ◉ Mas, quem disse que os homens também não se empobrecem com o machismo instalado na Cultura? (Cf. documentário "The mask you live in"-> próximo slide)
- ◉ Tanto homens como mulheres vem perdendo seu contato com suas sensibilidades e sentido de vida. A competição e o relacionamento consigo e com o outro-objeto é pautado somente em arremedos narcísicos e relações com seus ideais de ego desumanizadores. A identificação cruzada (cf. Winnicott) que possibilita a **construção** comunicação comum e a discriminação de identidades que nos salva da confusão e da loucura passaram a se tornar um sonho no horizonte, por vezes pautado pelo cinismo ou pelo conformismo daqueles que não esperam sofrer ainda mais.

THE MASK YOU LIVE IN



MENINO OU MENINA

